VERSÃO COMPLETA – RITMO C (HÍBRIDO)

(Monólogo teatral – Público: 7º ano ao Secundário)

PARTE 1 – A MATEMÁTICA E EU

LUZ: spot central suave.
Atriz/ator em pé, respiração calma, um sorriso meio nervoso.

A matemática.
(pausa)
A matemática e eu.

Comecemos pelo básico… (volta-se para o público)

5 x 5?

(Pausa. Espera o público responder.)

6 x 4?

(Pausa. Respostas.)

7 x 8?
(Se alguém responder 56, apontar com euforia sobrecontrolada.)

Exatamente.
Vejam… isso… por exemplo… **nunca me ocorre.**
Nunca.
Mas nunca, nunca, nunca, nunca.
Nunca mesmo.

(Suspira. Olha para o público como quem confessa um segredo vergonhoso.)

Eu tenho um problema.
Não é aquele problema profundo, existencial, filosófico…
Não. É só que… **eu não percebo matemática.**

(pausa breve)

E não é falta de vontade.
Eu **tento**.
Eu **juro** que tento.

Mas parece que o meu cérebro… (gesto com as mãos)
tem um pequeno… atraso…
como uma página que nunca carrega.

Tipo quando o Wi-Fi está fraco.
Eu sou isso.
Eu sou **a matemática com Wi-Fi fraco**.

(ri. Deixa o público rir.)

Ok, vamos para algo mais pessoal.

A *percentagem.*
Sim, aquela coisa que toda a gente parece saber fazer de cabeça.
Menos eu.

Eu tenho de pagar X por cento de não sei o quê sobre o total que me pagam, certo?
Então, por exemplo, se o total é 800…
eu faço sempre:

800 dividido por 4 por 100.

(Pausa. Olha para o vazio, assustado.)

800 dividido por 4… dá 200.
200 vezes 100…

Du…
vi…
nhum…
mil.

(baixa o olhar, dramático)

Vinte mil euros.

Eu começo a suar.
Imagino hipotecar a casa.
Vender o telemóvel.
Fugir para o mato.
Criar cabras.

(Aproxima-se do público, em confidência.)

Eu fico MESMO a achar que devo vinte mil euros.

(pausa. lenta.)

Depois lembro-me:
Talvez… talvez… seja **ao contrário**.

Então tento:

800 dividido por 100…
dá 8.
8 vezes 4…
32.

(um sorriso brilhante de vitória infantil)

Trinta e dois.
Ahh… sim…
Trinta e dois euros.
Um valor que eu consigo pagar sem entregar um rim.

(respiro, alívio exagerado)

Mas isto, meus amigos…
acontece **sempre**.

LUZ move-se um pouco para o lado.
Atriz/ator desloca-se lentamente, como quem sai de si e observa-se.

Eu, na verdade, sempre tive esta…
relação sensível…
com a matemática.

E antes que digam “ah, mas isso é porque não tentaste”…
Tentem dizer isso para uma pessoa que já chorou sobre um exercício de divisão.
Divisão.
DIVISÃO.

(gesto dramático para o infinito)

MEMÓRIA 1

LUZ baixa. Atriz senta-se numa cadeira. Voz mais infantil.

Era eu.
Pequena.
Na mesa da cozinha.
A fazer os trabalhos de casa.

O meu irmão ao lado.
A minha mãe atrás.
Um clima… como dizer…
de *ligação espiritual através do desespero.*

Minha mãe dizia-me:

"Vá, tu és boa a escrever.
Mas… as contas… deixa para o teu irmão."

(pausa seca)

Sim.
Essa frase.
Essa frase ficou.

(levanta o olhar para a plateia — impacto emocional suave)

LUZ volta a subir. Atriz levanta-se.
Ritmo volta a ficar leve.

E vocês sabem…
Quando nos dizem *mil vezes* uma coisa…
ela cola-se.
Fica.
Instala-se.
Como um programa que não dá para desinstalar.

E durante anos…
Eu achei que matemática era um território proibido.
Uma espécie de floresta encantada com lobos.
E eu…
não tinha espada.

(riso leve)

Mas o mais interessante?
É que não aconteceu só comigo.

FIM PARTE 1/5

PARTE 2/5 – O MITO DO "NÃO É PARA TI"

LUZ: suave, aberta. Atriz/ator de pé, centro.
Ritmo com humor, à-vontade, proximidade com a plateia.

Então…
Durante muito tempo eu pensei que matemática era uma coisa… para um tipo especial de pessoas.
Tipo…
as pessoas que nascem já sabendo quanto é 7 x 8.

(olha para quem respondeu antes)
Sim, vocês.
Vocês são outra espécie.
Respeito.

(riso)

Mas não é só isso.
É que existe esta ideia…
esta frase…
este sussurro social, quase invisível, mas constante:

"A matemática não é para toda a gente."

E — surpresa — normalmente esse "toda a gente" tem género.

(pausa. aproxima um passo.)

Quando eu era pequena, eu ouvia:

"Tu és tão criativa… devias ir para artes."
"Tu tens jeito com palavras… humanidades é para ti."
"Olha, matemática é mais coisa… deles."

LUZ muda ligeiramente para um tom mais frio.

Dizia-se com carinho, atenção.
Mas carinho nem sempre é neutral.
Às vezes… carinho empurra.

(pausa. baixo.)

E eu fui empurrada.

JOGO COM O PÚBLICO

Ok. Vamos fazer uma experiência.
Sem vergonha.
Cada um olha para si, lá dentro da cabeça:

Quando ouvem a palavra
MATEMÁTICA,
sentem mais…

(A) “Ah, tranquilo.”
ou
(B) “Oh não, Deus me acuda.”
ou
(C) “Eu cá disfarço e finjo que percebo.”

(levanta a mão para sinalizar que o público pode levantar também)

Observa as reações, comenta de forma leve:

- “Ah! Temos aqui confiança!”
- “Equipe trauma, venham comigo.”
- “E os infiltrados que fingem, sinto-vos.”

(riso)

Mas sabem o que é curioso?

Segundo os **dados da OCDE**, em Portugal:

- As raparigas **têm, em média, melhores resultados escolares gerais** do que os rapazes.
- Têm **melhores notas a Português**, claro.
- E também **melhores notas em Ciências**, no geral.

Mas quando chegamos à matemática…

(pausa)

…a diferença ainda aparece.

Não é uma diferença gigante, mas existe.
E **não é genética** — já sabemos isso.
Não há um gene que diga:
“Este cérebro nasceu para integrais”
e outro que diga:
“Este cérebro nasceu para fazer bullet journal no caderno quadriculado.”

(riso)

A diferença **vem do ambiente**.
Das expectativas.
Daquelas frases pequeninas, ditas com amor… mas cheias de direção:

“Tu és boa a escrever.”
“Ele é bom com números.”

E um caminho vai-se abrindo…
E o outro vai-se fechando…
Sem ninguém perceber.

LUZ desce um pouco. Ritmo fica mais íntimo.

Eu lembro-me de um dia…
na aula de matemática…
7º ano.

O professor explicou frações durante 25 minutos.
Convincentemente.
Com desenhos.
Com um bolo desenhado no quadro.
Com entusiasmo.
E eu…
não entendi nada.

Mas nada MESMO.

Era como se ele estivesse a explicar física quântica em mandarim.
Ao mesmo tempo que fazia malabarismo.

(Pausa breve. Olhar vazio.)

Eu olhei para o quadro.
Depois para o caderno.
Depois para o quadro.
Depois para o caderno.
Depois para o professor.

E disse:

“Professor, desculpe… pode repetir?”
(com aquele tom humilde de quem sabe que está a entrar numa batalha perdida)

E o professor respondeu:

(com a voz típica que todos conhecemos)

“Claro. Mas é simples.”

(pausa longa, dramática, irónica)

Ah.
É simples.

Claro.
A culpa é minha.
A minha cabeça é que é… uma batata.

(ri. deixa o público rir.)

Mas aqui é onde começa a mudança.

Ouçam isto:

Quando acreditamos que não conseguimos, o cérebro deixa mesmo de tentar.

É científico.
Tem nome:
Efeito de Expectativa.

Se nos dizem desde pequenos:
“Tu não és de matemática.”
O cérebro pensa:
“Ah, ok, desligar área. Obrigado, bom dia.”

(gesto de interruptor a desligar)

Mas se nos dizem:
“Tu podes aprender.
Ao teu ritmo.
De outra maneira.
Mas podes.”

O cérebro responde:

(gesto de iluminação)

“Ahhh. Então vamos tentar outra vez.”

LUZ sobe lentamente, mais quente.

Eu só percebi isto muito mais tarde.
Quando fui escrever este espetáculo.
Eu achei que ia descobrir uma tragédia interior sobre mim e os números.

Mas descobri outra coisa.

Descobri que o problema não era que eu não era capaz.

O problema era que eu **acreditei** que não era.

(pausa suave. deixa cair no silêncio. olhar mesmo para o público.)

FIM PARTE 2/5

PARTE 3/5 – AS MULHERES DA MATEMÁTICA

LUZ: abre lateral suave.
Andar lento pelo palco, como quem lembra cenas, memórias, histórias que se querem transmitir com cuidado.

Sabem…
Quando começamos a pesquisar sobre mulheres na matemática…
Descobrimos uma coisa estranhíssima:

Elas sempre estiveram lá.
Só que… quase nunca **as deixaram aparecer**.

(pausa curta)

Por exemplo:
No tempo da Grécia Antiga, existia uma mulher chamada **Hipátia**.
Não era "boa a matemática."

Era **a** matemática.
A diretora da Biblioteca de Alexandria.
Filósofa. Cientista. Professora.
Dava aulas numa praça pública, para quem quisesse ouvir.

LUZ: foco mais estreito. Voz mais baixa.

E sabem o que aconteceu?
Ela foi assassinada.
Por uma seita religiosa que dizia:

"Uma mulher que pensa assim… é perigosa."

(pausa. olhar direto para o público.)

E foi.
Perigosa para quem queria manter o mundo igual.

Muda de tom. Sacode o peso. Volta ao humor.

Séculos depois, chegamos à Idade Média, depois ao século XIX, e mesmo aí…
para uma mulher estudar matemática, muitas vezes tinha de:

- fingir que era homem,
- ou estudar escondida,
- ou publicar artigos assinando com o nome de um primo, um irmão, um marido.

(jogo com o público)
Era assim, tipo:

"Querido marido, podes assinar só aqui?
Prometo que é só cálculo diferencial, não é declaração de amor a ninguém.
Obrigada."

(riso)

TRANSIÇÃO PARA O PRESENTE

Mas agora vocês pensam:
“Ok, mas isso já passou, certo?”

(pausa leve. Olhar pensativo.)

Mais ou menos.

Em Portugal, hoje, segundo a **OCDE**:

- **As raparigas são a maioria no ensino secundário e na universidade.**
- São **a maioria nos cursos de saúde, psicologia, educação, comunicação, artes**.
- Mas quando chegamos às áreas **STEM** (Ciência, Tecnologia, Engenharia e… Matemática):

A percentagem desce.

E desce muito.

Na licenciatura em engenharia informática, por exemplo?
Menos de 20% dos alunos são mulheres.

LUZ mais fria. Humor retoma.

E não é porque elas não consigam.

É porque ao longo da vida ouviram **coisinhas como:**

“Que querida! Já sabes ler tão cedo!”
(riso leve)

“Matemática vai ser mais difícil para ti, tens de te aplicar mais.”
(olha para o público, levanta sobrancelha)
Mais do que quem?

“Menina bonita não precisa saber contas.”
(sim, isto ainda se diz, sim)

ou a mais moderna versão, atualizada, versão 2025:

“É que a matemática tem uma energia muito… masculina, percebes?”

(pausa)
O quê?
É quê?
É tipo o quê?
Testosterona em pó?
O número 8 faz flexões?

(riso)

HISTÓRIA EM PRIMEIRA PESSOA — leve, emocional

LUZ mais quente. Senta-se na borda de uma cadeira. Voz baixa.

Eu só percebi esta diferença de discurso quando comecei a reparar:

Aos rapazes diziam:
“Tu és bom.”

Às raparigas diziam:
“Tu esforças-te.”

(pausa longa e suave)

E isto muda tudo.

Porque “bom” é **identidade**.
“Esforço” é **tarefa**.

Ser “boa” é existir.
Esforçar-se é lutar para merecer existir.

(pausa. respiração solta.)

E eu fiquei ali.
Entre gostar da Matemática…
e ter medo dela olhar de volta.

JOGO COM O PÚBLICO — reconhecimento comum

Pergunta sincera:

Quem aqui já sentiu que **não era bom em alguma coisa**…
antes sequer de tentar?

(levanta a mão para incentivar)

Olha em silêncio.
Deixa o peso respirar.
Depois vira para humor suave, libertador:

Viram?
Não estamos sozinhos.
Nunca estivemos.
A matemática não é uma torre.
É uma mesa.
E a mesa tem lugar para toda a gente.

FECHO DA PARTE 3

LUZ fecha devagar. Fica só um corte lateral.

A matemática não é só números.
É olhar.

É pergunta.
É caminho.

E ninguém devia ser afastado de um caminho
só porque cresceu a ouvir:
“Isto não é para ti.”

FIM PARTE 3/5

PARTE 4/5 – FEDERICA, IRINI E A CASA ONDE A MATEMÁTICA ACONTECIA

LUZ: abre quente, íntima. Caminhar lento, como quem entra numa memória.

Sabem…
Quando comecei este espetáculo, eu pensava que as histórias das mulheres na matemática eram poucas.
Umas três, talvez quatro.
As que aparecem nos livros.
As medalhadas.
Aquelas que vencem tudo apesar de tudo.

Mas depois… eu descobri outra coisa ainda mais bonita:

A matemática sempre aconteceu em casas.
Em cozinhas.
Em salas pequenas.
À mesa.
Entre mulheres.

(pausa suave. Sorriso pequeno, verdadeiro.)

Vou contar duas histórias.
Curtas.
Mas que, se ficarem convosco, já valeu tudo.

---

1) FEDERICA – ITÁLIA, ANOS 1970

Posição: centro. Voz calma.

A Federica cresceu numa vila pequena perto de Turim.
Gostava de Matemática.
Não de “ser a melhor”.
Gostava mesmo.
Gostava da lógica.
De perceber porque é que as coisas têm de ser como são.

Mas quando dizia isto em casa, ouviu:

“Matemática não é para rapariga.”
“Faz Direito.”
“O que é que vais fazer? Escola? Dar aulas?”

(pausa)

E ela foi.
Fez Direito.
Casou.
Teve filhos.
Trabalhou.

E só aos **quarenta e dois anos** — anotem este número —
ela decidiu **que estava cansada de não ser quem era.**

Então, inscreveu-se na universidade para estudar Matemática.
Com jovens de 18 anos.
Com cadernos novos.
Com medo.
Com vergonha.
Com vontade.

E sabem o que ela disse, quando alguém perguntou:

“Mas não tens vergonha, nessa idade?”

Ela respondeu:

“Vergonha é não viver a vida inteira.”

(pausa cheia. Não apressar.)

---

2) IRINI – GRÉCIA, 2020

Mover-se para o lado direito. Ar contemporâneo.

A Irini vive em Atenas.
Trabalha e estuda ao mesmo tempo.
É a primeira da família a entrar na universidade.
Matemática pura.
Coisa “difícil”.

E um dia, ela disse isto numa entrevista:

“Quando entendo um teorema, é como abrir uma janela num quarto onde pensei que não havia saída.”

(pausa. Deixar que o público absorva.)

E então o jornalista perguntou:

“Mas porquê matemática? Porquê não outra coisa?”

E ela:

“Porque a matemática é o único lugar onde eu sinto que a realidade pode ser justa.
Se eu trabalho, eu entendo.

Se eu entendo, eu avanço.
Não há favoritismos."

(pausa, olhar para as pessoas, quase em confidência)

Sabem?
Talvez seja isso que assusta tanta gente.
A matemática é um sítio onde o **mérito existe**.
Onde é possível.

E se as mulheres entrarem nele em massa…
algumas portas podem deixar de ser só de alguns.

TRANSIÇÃO — DO INDIVIDUAL PARA O COLETIVO

LUZ esfria um pouco. Tom mais firme.

Não estamos a falar de números.
Estamos a falar de **espaço**.
De quem ocupa o espaço.
De quem é autorizado a existir nele.

E a matemática, como qualquer linguagem, só cresce quando há mais vozes.

Quando há Federicas.
Quando há Irinis.
Quando há nós.

PEQUENA RUPTURA COM HUMOR (para aliviar tensão)

Porque, convenhamos:
Se só uma parte da humanidade fizer matemática…
É claro que falta alguma coisa!

É como tentar fazer um bolo com metade dos ingredientes.

Ou fazer um debate sobre futebol onde toda a gente foi expulsa do jogo aos 10 anos.
(e olhar para o público como quem diz: "Percebem, não é?")

(riso leve, libertador)

FECHO DA PARTE 4

LUZ fecha para corte mais dramático.

A matemática não é uma torre para poucos.
É uma casa grande.
Com muitas mesas.
Muitas janelas.
E muitas portas.

E **as portas não têm de ser empurradas.**
Podem ser **abertas**.

Por nós.

FIM PARTE 4/5

PARTE 5/5 – MULHERES, MATEMÁTICA E A FRASE QUE NOS PERSEGUE

LUZ: foco suave ao centro.
Tom: confessional, quase partilha.

Há uma música antiga — talvez alguns de vocês conheçam — que dizia algo como:

(cantando meio de lado, irónica, sem força)
Mulheres dududu… à procura de confusão…

(pausa curta, olhar crítico, meio riso)
Sim.
Porque claro.
Mulher que pensa é confusão.
Mulher que escolhe é confusão.
Mulher que faz matemática então…
É apocalipse.

(pausa maior)

E há uma pergunta que muitas raparigas ainda ouvem, hoje, em Portugal, em 2025:

"Mas porque é que uma rapariga bonita como tu vai para ciências?"

(pausa seca. Olhar firme para o público.)

Como se o cérebro entrasse em guerra com o cabelo.

(riso leve, deixar respirar)

A FRASE QUE MARCA

Sabem…
Há uma frase que eu cresci a ouvir.

"És muito boa a desenhar e a escrever… Mas contas…?"

(eco triste.
Repetir a última palavra em voz pequena, quase infantil:)

"…contas?"

LUZ esvazia.
SILÊNCIO.
Deixar doer só um bocadinho — não muito.

O TESTE DE HARVARD

Sabem que a Universidade de Harvard fez um teste?
Um muito simples:
Serve para perceber se, no fundo, associamos…

homens → ciência
mulheres → letras

Resultado?

70% das pessoas — mulheres incluídas — fazem essa associação automática.

Incluindo eu.
Sim.
Eu, que estou aqui, a falar disto.

(pausa — admitir fragilidade aproxima, não diminuir)

Porque **o preconceito não está só nos outros.**
Está nas histórias que ouvimos.
Está nos elogios que recebemos.
Está nos medos que herdamos.

RELACIONAR COM A VIDA REAL (dados OCDE / Portugal)

E depois dizem assim:

"Ah, mas em Portugal as raparigas vão bem na escola!"

Vão.
Sim.
Em média, **as raparigas portuguesas têm melhores notas** que os rapazes em quase tudo.
Mas…

Quando chega a escolher cursos superiores:

Menos de 1 em cada 4 estudantes em Engenharia e Tecnologias são mulheres.
(OCDE, 2023)

Ou seja:
as raparigas são boas.
Mas não se sentem autorizadas a sê-lo aqui.
Neste campo.
Neste território.

HUMOR PARA ALIVIAR

E depois dizem:

"É porque as raparigas são doces, delicadas, cuidadoras…"

Sim.
Tão cuidadoras, que até nos preocupamos em **não incomodar o Excel.**

(riso)

Como se o Excel fosse um animal selvagem:

(shhh… não olhem nos olhos do Excel… ele morde…)

(riso maior — pausa para aproveitar)

TRANSIÇÃO PARA O FECHO

Mas vejam.

Se a matemática é linguagem…
Se é diálogo…
Se é descoberta…

Então **todos temos direito à mesa.**

Todos.
Todos.

Inclusive as que disseram: “Não sou boa a isto.”
Inclusive as que tremeram na calculadora.
Inclusive as que erraram tabuada no 3º ano e nunca mais se sentiram inteiras.

CUBO DE RUBIK – GESTO FINAL

LENTAMENTE, caminhar até ao cubo. Pegá-lo.
Colocá-lo na mão, não resolver ainda.

A minha mãe dizia:

(voz da mãe, suave, triste, quase distante)
“És boa a escrever e a desenhar… Vá lá… as contas…”

Eu acreditava nela.

(pausa)

Mas agora eu digo isto:

Eu não preciso ser perfeita.
Eu só preciso ter o direito de tentar.

COLOCA O CUBO NO CHÃO À FRENTE. AJOELHADA OU AGACHADA.

A matemática não é só números.
É forma.
É padrão.
É ritmo.
É mundo.

E eu —
eu também pertenço ao mundo.

PEGA NO CUBO DE NOVO. Respira.
Com dois movimentos simples e lentos, resolve.
(Não importa se o cubo estiver preparado — o gesto é simbólico.)

LEVANTA-SE. ERGUE O CUBO.

Com isto, sim.
Com isto…

(pausa longa)

Podem contar comigo.

LUZ APAGA LENTAMENTE.
MÚSICA FINAL (suave, expansiva, não triste).

FIM.

VERSÃO REDUZIDA – 12 MINUTOS

LUZ: Centro. Posição neutra.

A matemática e eu.
Comecemos pelo básico.

(para o público, em desafio simpático)
5x5?
6x4?
7x8?

(espera as respostas; quando alguém disser 56, aponta para a pessoa com exagero triunfante)

Vês?
Eu admiro-te.
Sinceramente.
Porque **isso nunca me ocorre.**
Nunca.
O meu cérebro olha para "7x8" e responde com:
“Não tenho aqui essa aplicação instalada.”

(riso)

Percentagens — A Tragédia

Quando tenho de calcular percentagens — por exemplo, 4% do que me pagam, para entregar ao Estado — eu penso:

"Ok, 800 euros dividido por 4, vezes 100."
20.000.
Vinte mil euros.
Eu falho a conta e já digo adeus à vida financeira.

(riso, pausa)

Depois lembro-me:
Talvez seja ao contrário.
800 dividido por 100 dá 8.
8 vezes 4 dá 32.

32.

Muito melhor.
Posso viver.
Posso comer.
Posso existir.

(pausa pequena)

Mas reparem:
antes de encontrar **32**, já vivi uma tragédia existencial completa.

(riso crescente)

Mini-Confissão

Eu cresci a ouvir isto:

(voz da mãe, meio doce, meio desistida)
"És boa a escrever e a desenhar… vá lá… as contas…"

E eu acreditei.
Porque quando temos 7 anos e alguém diz "tu és assim"…
ficamos assim.

(pausa curta, sincera, não dramática)
Até que um dia, descobri isto:

As mulheres na matemática — o lado invisível

Sabiam que, em Portugal, **as raparigas têm, em média, melhores notas** que os rapazes no básico e secundário?

Mas quando chega a escolher cursos superiores:

menos de 1 em cada 4 estudantes em Engenharia e Tecnologias são mulheres.

(olhar claro, direto)
Ou seja:
capacidade temos.
Mas autorização… nem sempre.

(pausa)

E não é só “os outros” que dizem isto.
A Universidade de Harvard fez um teste que mostra que **70% das pessoas** — incluindo mulheres — associam:

homens → ciência
mulheres → letras

(riso breve)
É como se o mundo dissesse:

“Menina, tu és ótima.
Mas não **aí**.”

Pequena libertação com humor

E depois dizem que é porque somos “sensíveis”.
Que temos “alma artística”.
Que somos “doces”.

Eu posso ser doce.
Mas também sei usar uma calculadora.
Eu consigo amar pessoas *e* fazer contas.
As duas coisas podem coexistir no mesmo corpo, ok?

(riso)

O CUBO – O GESTO

PEGA NO CUBO DE RUBIK (ou finge que está lá).

A matemática não é só números.
É forma.
É ritmo.
É mundo.

Só que durante muito tempo, eu pensei:
“A matemática é lá longe.
Eu fico aqui.”

Mas agora eu digo:

Eu tenho o direito de tentar.
Errar.
Tentar outra vez.

Perguntar.
Explorar.

Porque a matemática não é um castelo.
É uma **mesa**.
E há lugar para toda a gente.

Toca no cubo. Gesto calmo.

Com dois movimentos…
(gesto lento, claro — mesmo que o cubo não resolva de verdade)

Eu posso não resolver tudo.
Mas…

(pausa final — voz segura)

Podem contar comigo.

LUZ baixa.

FIM